

# PARTE I

---

A história de uma descoberta  
extraordinária

HERSHEL SHANKS



---

## Não acredito!

Em 1º de novembro de 2002, sexta-feira, pouco depois das dez horas da manhã, recebi um telefonema. Era Dan Rahimi, diretor do departamento de gerenciamento de coleções do Royal Ontario Museum, em Toronto, onde agora está o famoso ossuário, ou arca mortuária, com a surpreendente inscrição “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”, que estava prestes a ser mostrada ao público, exibição marcada para duas semanas após essa data.

Dan disse: “Estou aqui com Ed Keall”. Ed é curador sênior do museu na área de Oriente Próximo e civilizações asiáticas, e eu já havia conversado com ele sobre vários aspectos da exibição. Mas Dan continuou de forma ominosa: “Joel Peters, vice-presidente de *marketing*, também está aqui”. Comecei a me preocupar. Tivera um encontro com Joel no dia anterior, quando ele sugeriu que as emissoras de televisão poderiam filmar a chegada do ossuário em Toronto. Havíamos combinado anteriormente que daríamos direitos exclusivos de filmagem ao diretor de documentários ganhador de prêmios por sua atuação nessa área. Ele dissera que disponibilizaria trechos da filmagem para as emissoras locais sem cobrar nada. Assim, aceitei a sugestão de Joel. Será que essa discussão sobre direitos estava vindo à tona novamente?

Dan prosseguiu: “Estamos no escritório de Meg Beckel, chefe de operações do museu”. Nesse momento comecei a ficar realmente apavorado. “William Thorsell, diretor e superintendente do museu, também está aqui. Tenho péssimas notícias.”

“Ah, meu Deus”, pensei. Estão cancelando a exibição porque o ossuário foi classificado de “procedência desconhecida” (o termo utilizado por arqueólogos profissionais para se referir a descobertas de peças cuja origem é desconhecida e que não foram escavadas por profissionais). O ossuário, da coleção particular de um colecionador de antiguidades de Israel que queria permanecer anônimo, fora comprado em um mercado de antiguidades de um árabe, também não identificado, que negocia antiguidades. Não sabemos exatamente onde foi encontrado, quando isso aconteceu ou quem o encontrou. Isso se tornara objeto de discussão nos dias que precederam a exposição, pois questões éticas foram levantadas. A principal organização profissional norte-americana de arqueólogos especializados em Oriente Médio, que estava prestes a se reunir em Toronto durante a exibição agendada do Royal Ontario Museum, não queria ser associada de nenhuma maneira àquele ossuário. A política da organização é não publicar artigos nem fazer exposições de objetos que não são escavados profissionalmente – e eles também não discutiam sobre esse tipo de objeto –, por temer que isso aumente o valor dessas peças.

Mas isso não era um problema. Havia algo pior. Dan continuou: “Abrimos o engradado utilizado para o transporte do ossuário. Ele está cheio de rachaduras”. Senti, repentinamente, o fluxo de sangue subir a minha cabeça. Dan prosseguiu e passou a descrever as rachaduras sérias e as fissuras na pedra calcária que descobriram enquanto desempacotavam cuidadosamente o ossuário. Ele fora mal embalado. Notaram que pequenas lascas da pedra haviam caído. E Dan lamentava muito o fato de uma grossa rachadura atravessar a inscrição.

“Uma conferência de imprensa para encenar novamente a abertura do engradado foi organizada para as duas horas da tarde, e temos menos de quatro horas. O museu precisa ter as instruções do proprietário. Mas já são cinco da tarde em Israel, o início do sábado, o sabá. Não seria possível mesmo mostrar o ossuário para a imprensa naquelas condições”, disse Dan. Ele propôs que cancelássemos a conferência coletiva de imprensa. À medida que conversávamos, decidimos que a única coisa que teríamos de fazer era ser honestos. Embora não pudéssemos exibir o ossuário naquelas condições, não havia como impedir que a imprensa fizesse perguntas. Deveríamos dizer que o ossuário fora danificado. Por fim, a única questão que ainda tínhamos de resolver era se

deveríamos entregar uma fotografia do ossuário com a rachadura. O proprietário do ossuário concordaria com isso?

Naquela época, ainda nos referíamos ao proprietário como “Joe”, a fim de proteger seu anonimato. O museu não conhecia seu verdadeiro nome. Todos os acordos que exigissem a anuência de Joe eram feitos por intermédio de seu advogado, mas o escritório de advocacia estaria fechado no sábado. Portanto, eu era o intermediário. Conhecia Joe. Sabia seu nome real e até mesmo visitara seu apartamento em Israel. Assim, sabia como entrar em contato com ele em Tel Aviv.

Quando lhe contei o que acontecera, ele ficou momentaneamente sem fala. Ele insistiu que os melhores empacotadores de Israel foram os responsáveis pelo empacotamento, uma empresa que fazia empacotamentos para muitos museus. O transporte fora feito pela Brinks, uma companhia de renome mundial. Ele, obviamente, sentiu-se frustrado e sem ação.

Contei-lhe que fizéramos uma série de conferências por telefone com o grupo do museu no escritório de Meg Beckel. Embora não soubessem o nome de Joe, conheciam muito bem sua voz, pois havíamos conversado muitas vezes antes. Era quase meio-dia, e fomos avisados de que, em uma hora, as câmeras já estariam chegando ao museu para a conferência de imprensa. Por fim, Joe concordou conosco que não haveria nada a fazer, exceto sermos honestos com a imprensa, ou seja, dar-lhes uma fotografia do ossuário danificado.

O museu fotografara cuidadosamente todos os detalhes do desempacotamento que acontecera no dia anterior. Eles enviaram as fotografias por *e-mail* para Joe e para mim, mas só as vi depois de iniciada a conferência da imprensa. As fotografias quase me deixaram doente. A princípio achei que Dan Rahimi exagerara os danos apenas para mostrar a seriedade da situação. Na verdade, ele tentou retratar a situação da melhor maneira possível. As rachaduras eram realmente lamentáveis.

O consolo era que o Royal Ontario Museum tinha uma excelente restauradora em seus quadros, Ewa Dziadowiec, especialista em restauração de pedras. Ela poderia restaurar o ossuário em poucos dias.

Logo antes de poder sentar-me com minha esposa para o jantar do sabá, recebi um fax de Dan em casa, a cópia do fax que ele estava enviando para Joe, com um protocolo para a restauração do ossuário anexada. A carta

iniciava assim: “Querido Joe”, e o conteúdo solicitava de modo veemente que Joe autorizasse o museu a fazer a restauração o mais breve possível. Ali, pela primeira vez, li o protocolo: “A arca do ossuário partiu-se em cinco pedaços”. Meu coração parou de bater por um momento.

Voltei a ler a carta: “Ewa propõe remover os cinco fragmentos, limpar a poeira ou qualquer outro resíduo e unir novamente as peças usando um aditivo do tipo acetato de polivinil misturado com um material pigmentado para preencher as rachaduras. Esse tratamento é totalmente reversível e pode ser facilmente dissolvido com acetona. Não propomos pintar sobre o que foi restaurado. Antes, o preenchimento pigmentado se aproximará muito da cor do ossuário. E as rachaduras ficarão levemente visíveis”.

Isso era o melhor que poderíamos fazer. Na verdade, isso era o melhor que poderíamos fazer quando um dos maiores achados arqueológicos de todos os tempos se encontrava despedaçado.